

HERMENÊUTICA, EDUCAÇÃO E O PROBLEMA DA COMPREENSÃO DO SER HUMANO:  
UM DIÁLOGO COM *CEZAR LUÍS SEIBT*<sup>1</sup>

**Gilcilene Dias da Costa**<sup>2</sup>  
costagilcilene@gmail.com

Para esta edição da Artíficos que trata da temática da “Diferença e Formação de Professores”, temos a honra de ter como entrevistado o Prof. Dr. Cezar Luís Seibt, Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS); Pós-Doutor em Filosofia pela Albert-Ludwigs Universität de Freiburg im Breisgau, na Alemanha, no ano de 2014; Professor efetivo da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário do Tocantins/Cametá; Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação do ICED/UFPA e do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura do CUNTINS/UFPA; Pesquisador nas áreas de Fenomenologia, Hermenêutica e Educação.

**Gilcilene Dias da Costa:** Professor Cezar, inicialmente gostaria de expressar meus agradecimentos por haver colaborado conosco nesta edição da Artíficos, trazendo para esta conversação um pouco de seu percurso de formação enquanto pesquisador na área da Filosofia, com ênfase nos estudos de Heidegger, e aproximações ao campo da Hermenêutica e Educação. Nesse sentido, gostaria que nos dissesse como chegou ao pensamento filosófico de Heidegger, um dos maiores filósofos de nossa contemporaneidade, e à formulação do problema de pesquisa com o qual você tem se ocupado desde a experiência profissional e pesquisas de pós-graduação.

**Cezar Luís Seibt:** Vou iniciar contando um pouco de minha trajetória acadêmica para chegar ao cerne do problema. Sou professor e pesquisador da Universidade Federal do Pará, efetivamente desde 2006. Antes disso estava ligado a uma rede internacional de escolas chamadas La Salle. Isso de forma que o campo da educação sempre foi minha casa. Minha formação acadêmica se deu em três campos dentro das ciências humanas: ciências religiosas, filosofia e psicologia e toda pesquisa de pós-graduação se concentrou em filosofia, embora os interesses sempre extrapolassem esse âmbito. Atualmente meus interesses se situam na interface entre a filosofia e a educação, sobretudo preocupado com a compreensão do ser humano.

Penso que cada pesquisador, com o passar do tempo, chega a uma certa consciência de que há um problema, uma questão, uma angústia que conecta grande parte de seu esforço intelectual. Há, na trajetória de pesquisa, algo que permanece como um fundo a partir do qual cada novo elemento ou nova tentativa de investigação recebe sua força e propulsão. Heidegger dizia que cada grande pensador, ao menos na filosofia e ciências humanas, é pensador de 'um' grande problema. E uma grande questão, fundamental e radical, ocupa esse pensador: o sentido do ser. É com essa pergunta que ele se ocupa desde o início de seu trabalho intelectual, até o final de sua vida. Com a investigação dessa questão e com o exercício de aproximar-se de respostas a ela, Heidegger conseguiu modificar e marcar profundamente o cenário filosófico (também teológico, ecológico, psicológico, além de outros) do século XX e irá, provavelmente, fazê-lo durante muito tempo ainda.

**Gilcilene:** Em que consiste o ato de pesquisar a partir de um problema?

**Cezar:** É um problema que mobiliza o esforço e a energia de quem pesquisa. Mas não um problema que não tenha a ver com a biografia pessoal, com a própria história. Até um certo tempo atrás o ideal era isolar a individualidade com seus interesses e preocupações daquilo que seria objeto de pesquisa científica. Uma coisa seria o sujeito pesquisador e outra o objeto, o mais independente possível um do outro. Sabemos hoje que essa total assepsia é um ideal mítico e que de alguma forma já sempre estamos envolvidos com os objetos da pesquisa nas ciências humanas.

Pois, quando olho para trás, verifico uma certa constância nos meus próprios interesses teóricos. Nos estudos de graduação, de algum modo, meu interesse sempre se voltava para a compreensão do ser humano, desde esses diversos pontos de vista, algumas vezes de forma direta mas, normalmente, de forma indireta e tangencial. Percebo claramente que uma pergunta me perseguia e persegue, inicialmente de forma praticamente inconsciente, mas que aos poucos foi tomando espaço e consciência: quem é o ser humano ou, de forma mais pessoal e biográfica, quem sou eu? Na trajetória que essa inquietação produziu, me encontrei com diversos autores e perspectivas, mas uma marcou e parece que produziu uma sintonia maior, que é o pensamento de Martin Heidegger, com quem comecei a me ocupar efetivamente no mestrado e com quem continuei ocupado no doutorado. Um grande mestre no exercício de aproximação ao pensamento de Heidegger foi professor Ernildo Stein, um dos maiores estudiosos do pensamento deste autor no Brasil, que me orientou tanto no mestrado como no doutorado.

**Gilcilene:** Em relação à sua pesquisa de pós-doutorado, realizada no período de 2013-2014 na Alemanha, qual a questão assumida como problema filosófico a ser pensado em diálogo com Heidegger?

**Cezar:** A recente pesquisa de pós-doutorado, realizada junto à Albert-Ludwigs Universität de Freiburg im Breisgau, na Alemanha, me ofereceu a oportunidade de assumir mais diretamente esse problema do ser humano. Acolhido pelo professor Dr. Günter Figal, um professor e pesquisador que ocupa atualmente a cadeira de filosofia que era de Heidegger e, antes dele, de Husserl, pude me debruçar com calma e tempo sobre essa pergunta, uma das mais fundamentais para a existência humana, tomando como referência os escritos e cursos de Heidegger, sobretudo desenvolvidos na década de 20 do século passado. No que vou dizer sobre a pesquisa, de forma muito superficial e breve, não irei me preocupar com citações, mas vou me preocupar em apresentar o que penso sobre o assunto integrando nesse discurso o pensamento de Heidegger. E a pesquisa tratava de investigar possíveis indícios no pensamento de Heidegger nos anos de 1920 a 1930 para se poder repensar o ser humano, a antropologia (sobretudo filosófica). Eu pretendia encontrar indicações e direções para pensar o que se pensa sobre o ser humano na tradição ocidental, para além das balizas que esse pensamento (metafísico) oferece em si mesmo. Talvez a pesquisa não tenha oferecido exatamente aquilo que dela esperava, mas ela produziu seus caminhos e descaminhos e me levou a algum lugar, mesmo que seja um lugar indeterminado.

**Gilcilene:** A partir de seus estudos sobre a analítica da existência, que perpassa o problema do “ser” e do “ente” no pensamento de Heidegger, poderia destacar algumas contribuições do filósofo ao problema da compreensão do ser humano?

**Cezar:** Para começar, Heidegger não é um pensador de quem se possa dizer que produziu uma antropologia, uma teoria sobre o ser humano. Seu pensamento é, na verdade, uma oposição às antropologias, aos discursos sobre o que seja o ser humano, o que sejamos nós. Sua questão, como já dissemos, é o sentido do ser. No entanto, para desenvolver essa questão e poder respondê-la, Heidegger, sobretudo até os anos 30, toma como ponto de partida e referência aquele ente que pode

perguntar e responder, que é justamente o ser humano. É o ser humano que pergunta pelo sentido do ser e também ele que responde.

Talvez seja necessário, antes de entrar na questão do ser humano enquanto tal, dizer algo sobre o sentido do ser. Sobretudo porque perguntar pelo ser parece ser a coisa mais inútil e improdutiva possível. Há tantas coisas concretas, urgentes e prementes que reclamam nossa atenção. Temos problemas por todos os lados, de várias áreas, níveis e complexidades. Por que, então, insistir em perguntar por algo que foge às nossas ocupações e preocupações diárias? Por que deixar um pouco de lado os entes (que são os objetos, relacionamentos, atividades com que nos ocupamos e que nos ocupam) e dedicar-se ao ser?

Para Heidegger, já há muito tempo estamos tão ocupados e envolvidos com os entes, que sequer temos sensibilidade para o ser. O pensar mesmo se tornou um modo de lidar com os entes, a linguagem se tornou a linguagem dos entes. Mas qual o problema nisso? O problema está no fato de que nosso pensar e agir está aprisionado na lógica, na gramática, na linguagem que configura os entes. Os entes são o que há disponível, o que é a nossa realidade. Não estamos mais afinados com as vivências originárias, com a indeterminação que precede e sustenta a determinação dos entes. Em outras palavras, esquecemos o solo primário, pré-teórico, compreensivo no qual já sempre precisamos estar, antes de qualquer teorização e determinação dos entes. Esquecemos que esquecemos o solo fático do qual emergimos e do qual emergem os entes determinados que se tornam para nós a realidade. Perguntar pelo sentido do ser é, por isso, perguntar por aquelas condições que tornam possível que as coisas nos sejam dessa forma e não de outra. Cotidianamente, a partir do envolvimento e da perspectiva dos entes, está tudo muito claro (estamos numa determinada clareira) e explicado, embora ainda tenhamos muita coisa em relação aos entes por descobrir. Aprisionados nesta clareira, nesta lógica, tendemos simplesmente a avançar dentro da trilha iluminada. Não perguntamos, cotidianamente, pelas condições prévias que sustentam e precedem a realidade óbvia e evidente em que estamos envolvidos.

Heidegger, ao retomar a pergunta pelo sentido do ser, produz um movimento que busca desconstruir e destruir essa evidência cotidiana, na qual se move tanto o senso comum, a fé religiosa, como também a ciência. Não se trata de rebaixar e nem invalidar todo esforço em torno dos entes. Mas trata-se de libertar-se do cálculo, da determinação da lógica dos entes, de produzir atritos nessa relação de evidência, afim de abrir e liberar para o pensar. Se na existência cotidiana, imprópria e impessoal somos guiados pela lógica dos entes, temos de reconhecer que não pensamos

propriamente, pois tudo o que faz sentido já vem determinado por essa evidência e o que resta a fazer é avançar dentro daquilo que é a realidade. Perguntar pelo sentido do ser tem a ver com a libertação para a possibilidade: a realidade em que nos encontramos é uma possibilidade que oculta o seu caráter de possibilidade e pode, por isso, erigir-se como 'a' realidade. Esse ocultamento e esquecimento a pergunta pelo sentido do ser traz à tona.

O ser não é um ente, não é um objeto determinado, não é a realidade. O ser é a indeterminação originária, o nada (nada ente, não-ente), aquilo que escapa a todas as tentativas de aprisionamento na linguagem, mas que é a abertura linguística na qual já sempre nos encontramos para podermos encontrar e determinar os entes enquanto tais. O sentido do ser é o horizonte dentro do qual tudo nos aparece e se nos torna algo, mas que ele mesmo se recusa ser alguma coisa.

A dificuldade está agora no fato de que nossa linguagem, nossa lógica, nosso pensar ter o modo de ser dos entes e não do ser. Por isso, o esforço do autor em conquistar, para além da nossa captura junto ao ente e à sua lógica, um espaço para o acontecimento, para o ser. Como a linguagem é a linguagem próprio dos entes, é preciso forçar, com a própria linguagem um movimento para além da possibilidade do dizer e experimentar vigentes; como a lógica é a lógica dos entes, produzir problemas nesta lógica para que se anuncie aquilo que se mantém esquecido e reprimido cotidianamente.

Mas é preciso também ressaltar que o ser não é outra realidade, um ente superior que dê existência aos entes com que nos ocupamos. Não existimos senão sempre dentro de uma realidade determinada onde o que é, é desta forma, enquanto tal. Retomar a questão do ser não é dizer que há uma outra realidade escondida, uma outra determinação reprimida pela realidade que ora vivemos. Que o ser seria essa realidade. O ser é simplesmente a abertura que ignoramos para poder erigir uma realidade segura e controlável, onde possamos nos sentir em casa. Recordar essa abertura, não é negar a realidade que vivemos, mas libertar-se dela no sentido de adquirir autonomia e poder sobre ela. Dentro de uma determinada realidade, formados nela e por ela, tendemos a nos afogar nela, perdendo poder sobre aquilo que nós mesmos inventamos. Neste caso, os entes, os objetos, a realidade nos determinam, estamos aprisionados nessa realidade. Ela nos tem e não somos nós que a temos. Perguntar pelo sentido do ser é o movimento de perfuração e desconstrução que devolve ao ser humano efetivamente o poder sobre a realidade, não somente de optar por um ou outro polo dos conflitos, pelo sim ou pelo não, por um dos elementos dos binômios e dicotomias que caracterizam essa realidade. Sem ser uma outra realidade, o ser nos abre para o possível, mas possível para além dos possíveis disponíveis dentro de uma realidade. Bem no fundo, é retomar a capacidade de pensar,

resultante da libertação do cálculo que caracterizam a lógica e linguagem da realidade em que habitamos. É pensar o pensamento. Uma coisa é pensar, outra é pensar o próprio pensar. O pensar, simplesmente, pode ser como o cálculo, que lida com elementos disponíveis e previsíveis. Já pensar o próprio pensamento abre para o inesperado e imprevisível e, sobretudo, para as condições do pensamento ele mesmo.

A grande pergunta de Heidegger, aquela a que ele foi fiel a vida toda, pois envolvia sua própria existência, revolve o solo do nosso mundo, buscando sintonizar com nossas origens, com nossa mundanidade, nosso parentesco com o ser. Justamente perguntar pelo que seja o ser humano, o que somos nós, o que ou quem sou eu, tem a ver com essa pergunta pelo sentido do ser. Para Heidegger, a tradição metafísica e isso inclui as diversas antropologias e também a filosófica, tendem a pensar o ser humano a partir exatamente das referências ônticas, do ente, da realidade vigente. Pensar o ser humano ou fazer antropologia significa então descrever propriedades, características, procurar diferenças em relação aos outros entes (gênero próximo e diferença específica: homem é um animal racional,...). Para o filósofo os discursos sobre o ser humano carecem de perguntas mais radicais e fundamentais que conduzam o pensamento para além das determinações previamente autorizadas pela realidade. É colocar a própria realidade em questão para, com isso, movimentar-se gradativamente sempre mais no horizonte da possibilidade, da abertura, do originário. É colocar os pressupostos que embasam e carregam o pensamento sobre o ser humano novamente radicalmente em questão. Pensar as condições e pressuposições que acabaram se tornando evidentes e que se impõem naturalmente à reflexão e pesquisa sobre o ser humano.

Segundo o diagnóstico do autor, não é na trilha dos entes que encontraremos aquilo que propriamente é o ser humano. Heidegger constata isso dizendo em uma de suas obras (*Kant e o problema da Metafísica*) que “nenhuma época teve um conhecimento tão amplo e multifacetado do homem como temos hoje. Nenhuma época apresentou seu conhecimento do homem de maneira tão assombrosa e cativante como a atual. Nenhuma época foi capaz de disponibilizar esse conhecimento de forma tão rápida e fácil como hoje. Mas também nenhuma época soube menos o que o homem é como a nossa. Para nenhuma época o ser humano se tornou tão questionável como na nossa”.

Ou seja, nunca conseguimos reunir tantas informações, descrições, explicações sobre o ser humano. Temos uma grande quantidade de ciências que se ocupam com este ente, de conhecimentos oriundos de perspectivas as mais diversas. Sabemos, no entanto, a partir dessas informações, explicações e teorias quem nós somos? Ou, ao contrário, nunca soubemos tão pouco quem nós

somos, apesar de tantas informações? O que temos são discursos sobre o ente ser humano, sobre uma realidade objetificada e fracionada. Isso nos permite um controle e previsibilidade maior, nos informa de como funcionamos, mas não nos diz quem nós somos. Alcançamos aquilo que em nós participa do modo de ser dos outros entes do mundo, mas não a nossa existência, aquilo que permite que sejamos isso ou aquilo, o projeto ou possibilidade que caracterizam nossa essência.

Somos enquanto entes (onticamente) essa realidade que as informações apresentam. Mas isso não é o nosso ser. Nosso ser ou nossa essência é a existência: somos um projeto sempre em jogo, temos a nós mesmos como encargo, somos essencialmente liberdade. As determinações, as propriedades que onticamente nos caracterizam não alcançam aquilo que nos é próprio ontologicamente, ou seja, a liberdade do ser-no-mundo. Estamos abertos para ser aquilo que fizemos de nós (ou fizeram de nós), inclusive ser lobo, enquanto o lobo nunca será humano, nunca alcançará a transcendência da linguagem proposicional.

Por isso, somente para o ser humano a educação faz sentido, pois ele precisa ser inserido no ambiente em que nasce, precisa ser ajustado às expectativas e comportamentos esperados dele pelo seu mundo. Um lobo não precisa ser educado, pois nasce e permanece lobo, com todas as determinações naturais da vida do lobo. Um ser humano nasce sem determinações no nível do seu ser, embora, como animal, possua também determinações biológicas. Mas não são essas determinações que perfazem a sua humanidade. O ser humano é humano exatamente por causa da sua indeterminação, da sua abertura para ser aquilo que sua cultura lhe apresenta através da educação e aquilo que ele pode fazer de si mesmo.

Daí que Heidegger diga que a humanidade do ser humano habita na proximidade do ser e não do ente. O ser humano não é um objeto entre outros objetos, não tem o modo de ser das coisas com que nos ocupamos cotidianamente, não é acessível pela lógica e linguagem que são adequados para os objetos. Há que lutar com a linguagem e com a lógica forçando um movimento para roçar os limites da realidade. Num esforço para se desvencilhar das amarras e evidências da realidade, roçar os seus limites e experimentar a realidade da realidade, a realidade como realidade e não somente 'a' realidade. Abrir-se para a experiência da indeterminação originária dentro da qual sempre já estamos, apesar dos nossos esforços teóricos e práticos para nos situar em um lugar seguro e previsível (a realidade). Isso significa também o encontro com a finitude e historicidade que foram expulsas pelo nosso empenho em buscar verdades atemporais.

**Gilcilene:** Os conceitos de finitude e historicidade nos remetem a uma compreensão hermenêutica da experiência do ser com a linguagem, com o mundo; uma experiência que permite pensar a educação como autocompreensão do ser. Nesse sentido, fale-nos das possíveis relações entre Hermenêutica e Educação...

**Cezar:** A hermenêutica pode ser pensada como uma autoconsciência das condições nas quais já sempre nos encontramos. É um exercício de rememoração das condições originárias que estão além das dicotomias, contradições e determinações do mundo normal e natural que procuramos por todos os meios consolidar. A hermenêutica não é nem um novo método que nos ofereça um acesso mais verdadeiro ou exato à realidade, incluindo aí o ser humano, nem um conjunto de explicações ou teorias mais adequadas à realidade. É, para além de um método ou teoria explicativa mais adequados, uma experiência dos limites (mas também das possibilidades) de qualquer método e explicação. É a experiência de que, por mais que tentemos enquadrar e capturar as coisas como ente e realidade, elas sempre continuam sendo possibilidade; que a realidade é uma possibilidade realizada. É também a consciência de que estamos condenados a existir sempre num mundo determinado, mas que não estamos necessariamente condenados a nos fechar nesta realidade.

A hermenêutica não é um juiz que condena alguma realidade por ser realidade. Ela simplesmente é um esforço por conquistar mobilidade e liberdade dentro da realidade em que nos encontramos, para além das possibilidades oferecidas dentro dessa realidade.

O ser humano pode entender a si mesmo, o que sempre inicialmente é o caso, a partir da realidade cultural e histórica em que existe, fechando-se nela no sentido de não ter autonomia em relação a esse mundo, de ser controlado por ele, mas pode também conquistar, dentro deste mundo determinado, uma certa autonomia. Por isso, não se trata de pensar as coisas e as oposições dentro da realidade, pois elas fazem parte do jogo autorizado e previsto, mas de pensar o pensamento. Pensar o pensamento que pode resultar num domínio sobre o pensar. Ou pensamos o pensamento da realidade, ou a realidade nos pensa. Ou pensamos o pensamento e vivemos de acordo com isso, ou acabamos pensando de acordo e a partir da realidade. É o movimento entre, por um lado, propriedade e autenticidade e, por outro, improriedade e inautenticidade. Como seres humanos podemos, diferente dos outros entes, ser nós mesmos a partir de nós mesmos, ou ser nós mesmos a partir do horizonte dentro do qual nossa existência transcorre, da abertura temporal na qual existimos. O que nunca podemos é nos retirar de um horizonte cultural e histórico.

Como pensamos a partir do modelo dos entes, tendemos a esperar uma nova descrição ou apresentação de novas propriedades para, enfim, sabermos quem é o ser humano, quem somos afinal. Não é isso que ocorre quando se pensa a partir do ser. Há muito mais um movimento e exercício de libertação das descrições e determinações, sem que elas sejam consideradas falsas ou inadequadas. Voltando para o solo originário, não temos uma nova definição. Surge uma consciência que recorda que sempre estaremos dentro de uma realidade, de uma cultura determinada, mas que essa determinação e essa realidade é uma possível. Não somos senão a nossa realidade, mas isso que somos, essa realidade, nunca elimina ou esgota o possível. Não que tenhamos de ser outros para ser nós mesmos, pois já somos sempre no mundo, num tempo e lugar dentro do qual se configura o nosso ser, inicialmente e normalmente sem nossa participação efetiva. Pensar o ser humano a partir do ser e não do ente não produz outra definição, mas liberta efetivamente para a ação e para o pensamento, para além do agir e pensar mecânico ou pelo menos limitado da tradição metafísica, com suas diferenças, conflitos e oposições.

Perguntar pelo ser humano a partir do ser certamente é inútil e improdutivo se olharmos para essa pergunta a partir da lógica dos entes, onde a linearidade e progresso na descrição da realidade tem primazia. Essa pergunta não nos dá uma resposta 'palpável', não nos explica nada. Simplesmente nos abre para a experiência da experiência, para o fenômeno do acontecimento 'ser humano' e, com isso, ao fenômeno da educação como aquilo que substitui (ou, ao menos, complementa) as determinações da natureza, como o que propriamente perpetua e dinamiza o ser do ser humano. E o mais importante, nos dá distância em relação à realidade, ao mundo cotidiano no qual nos encontramos capturados, para que a realidade não se torne uma prisão, aquilo que produzimos não tenha poder ilimitado sobre nós, mas nos tornemos senhores e minimamente autônomos em relação a nossa obra. Permite, por isso, também pensar a educação não mais simplesmente como um meio ou instrumento para algo, mas como um acontecimento que, juntamente com a linguagem, é constitutiva da própria humanidade.

Continuaremos sempre ser-no-mundo, um ente dentro de uma realidade, mas nunca uma realidade conseguirá esgotar nosso ser, porque nosso ser não é uma coisa ou essência prévia. É próprio do ser humano não ser uma coisa determinável, constatável, mas ser o único ente que tem de sempre novamente inventar a si mesmo, produzir seu ser através da ação e do pensamento. O ser humano é o único ente para quem seu próprio ser está em questão. Não somos uma pedra, nem uma planta ou animal. Não temos um ser objetivável, predeterminado, mas já sempre compreendemos o ser

e ele está para nós mesmos em questão. Compreendemos a nós mesmos a partir do projeto de humanidade que historicamente consolidamos. É simples e fácil pensar isso? Obviamente que não, pois falamos uma linguagem que está somente afinada com entes e determinações. Podemos dizer, por isso, que ainda vivemos de modo predominante a partir do pensamento desenvolvido até o século XIX. Ainda não criamos as condições e as disposições necessárias para poder assimilar ao pensar acadêmico e ao senso comum as conquistas do pensamento no século XX. Vivemos e discutimos a partir de teorias metafísicas, o que não é ruim, pois nos dão alguma referência segura e permitem que nos sintamos relativamente em casa no nosso mundo, nos fornecem certo domínio sobre a realidade. Mas há desafios vindouros, que emergiram no pensamento do século XX, que irão nos arrastar para além desses movimentos da tradição. Isso porque está em jogo a nossa própria existência, que não poderemos salvar a partir dos processos determinantes instaurados pela metafísica.

**Gilcilene:** A partir de suas pesquisas com Heidegger e o problema da compreensão do ser humano, como podemos pensar a educação num horizonte hermenêutico para além dos binômios e dicotomias historicamente instituídos nesse campo?

**Cezar:** Minha pesquisa foi e é inútil. O esforço não permitiu oferecer respostas novas e mais convincentes à pergunta que todos nos fazemos: quem sou eu? Mas talvez na sua inutilidade e improdutividade esteja sua força e importância. No deslocamento para além dos binômios e dicotomias (sobretudo sujeito e objeto), provavelmente possamos nos recostar na proximidade de nossas origens, da humanidade do ser humano. Possamos novamente respirar e sentir o frescor da liberdade e indeterminação fundamentais que nos caracterizam, para além das determinações.

Embora estejamos sempre determinados dentro de um mundo determinado, o que somos originariamente não é determinação, mas indeterminação. Somos abertos porque compreendemos o ser. Estamos a caminho de nós mesmos sem nunca podermos dizer que nos encontramos como encontramos outros objetos, pois seremos sempre um projeto de nós mesmos. Estamos sempre advindo a nós, sem nunca poder coincidir com alguma essência prévia. Moramos na linguagem e, portanto, na finitude.

Pensar o ser humano a partir de Heidegger leva a que a riqueza ou profusão de conhecimentos e teorias precise dar lugar à pobreza. Pensar o pensamento produz a pobreza, pois liberta da determinação do já conhecido e abre para o que se esconde e retrai (não para o desconhecido!) no

conhecido. Desvencilha do peso das teorias da tradição, sem condená-las, mas devolvendo ao ser humano o seu lugar enquanto existência, como cuidado. Pensando a tradição, a tradição deixa de ser um peso morto e inquestionado e permite um caminhar mais livre e responsável. A tradição é o único ambiente que temos para morar, mas ela não precisa ser um peso morto, como um cadáver que temos de carregar, mas ela pode ser tornar viva e ativa através do questionamento e do pensamento sobre o pensamento.

**Gilcilene:** Para finalizar, poderia tecer algumas considerações sobre os desafios de pensar a educação em diálogo com a tradição?

**Cezar:** Certamente. Sinto cada vez mais o desafio de participar do trabalho de pensar a educação a partir das conquistas do pensamento que no século passado, a passos lentos e num embate com as determinações da tradição metafísica, busca conquistar o solo prévio e originário da existência, o horizonte indeterminado onde as determinações que caracterizam nossas ciências e práticas estão enraizadas. Há muito para avançar no pensamento, na pesquisa, mas tudo isso implica, para quem pretende fazê-lo a partir da hermenêutica e outros pensamentos do século passado, uma profunda desconstrução e desmontagem das certezas e evidências consolidadas pela lógica e pela realidade cotidiana.

Penso que há muito para se aprender não somente de Heidegger, mas de muitos pensadores do século passado, que permitem uma revitalização da tradição, da história, das instituições, da existência humana. E esse tempo de pesquisa financiado pela Capes me permitiu repensar e aprofundar problemas que há muito tempo produzem atritos no meu modo de pensar e existir. Se não há nada objetivamente para se dizer (ou pouco a dizer), não significa que nada tenha acontecido. Talvez porque não haja muito a dizer objetivamente, que muita coisa aconteceu.

**Gilcilene:** Professor Cezar, a Revista Artíficos agradece sua disponibilidade em participar desta entrevista, dando a conhecer e a socializar com os seus leitores as reflexões advindas de sua recente pesquisa de pós-doutorado. Agradeço sua gentil colaboração, ressaltando as contribuições desses estudos para pensar as relações entre Hermenêutica e Educação a partir da formulação de um problema de pesquisa. A Artíficos mantém-se receptiva a novos, contínuos e profícuos diálogos.

---

<sup>1</sup> **Cezar Luís Seibt** Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS); Pós-Doutor em Filosofia pela Albert-Ludwigs Universität de Freiburg im Breisgau, na Alemanha. Professor efetivo da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário do Tocantins-Cametá/Faculdade de Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA (PPGED/UFPA) e do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura da UFPA (PPGEDUC/UFPA). Pesquisador nas áreas de Fenomenologia, Hermenêutica e Educação. E-mail: celuse@ufpa.br

<sup>2</sup> **Gilcilene Dias da Costa** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora efetiva da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário do Tocantins-Cametá/Faculdade de Linguagem. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA (PPGED/UFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da UFPA (PPGEDUC/UFPA).